

Competência(s):  
5

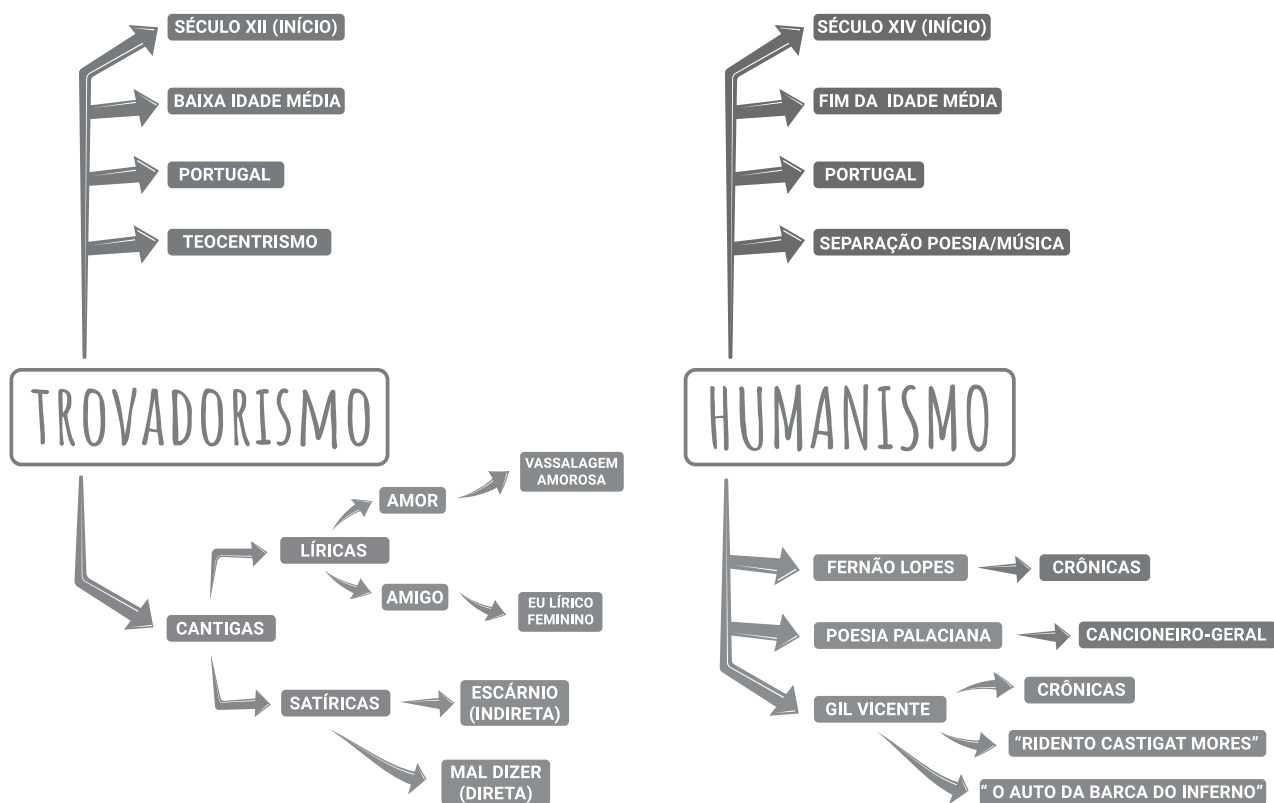
Habilidade(s):  
15, 16 e 17

# AULAS 3 e 4

## VOCÊ DEVE SABER!

- O que significa teocentrismo
- Como as relações sociais do feudalismo se relacionam com a vassalagem amorosa
- O que é amor cortês, coita d'amor e vassalagem amorosa
- As características das cantigas líricas e satíricas
- O que são crônicas, nobiliários, novelas de cavalaria e hagiografias
- As principais mudanças provocadas na literatura pela crise do feudalismo e da igreja
- As características da obra de Fernão Lopes
- As características da poesia palaciana
- As características do teatro de Gil Vicente

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*Cantiga de Amor*  
Afonso Fernandes

Senhora minha, desde que vos vi,  
lutei para ocultar esta paixão  
que me tomou inteiro o coração;  
mas não o posso mais e decidi  
que saibam todos o meu grande amor,  
a tristeza que tenho, a imensa dor  
que sofro desde o dia em que vos vi.

Já que assim é, eu venho-vos rogar  
que queirais pelo menos consentir  
que passe a minha vida a vos servir (...)

([www.caestamosnos.org/efemerides/118](http://www.caestamosnos.org/efemerides/118). Adaptado)

- (G1 - ifsp)** Uma característica desse fragmento, também presente em outras cantigas de amor do Trovadorismo, é
  - a certeza de concretização da relação amorosa.
  - a situação de sofrimento do eu lírico.
  - a coita de amor sentida pela senhora amada.
  - a situação de felicidade expressa pelo eu lírico.
  - o bem-sucedido intercâmbio amoroso entre pessoas de camadas distintas da sociedade.
- (IFSP)** Leia atentamente o texto abaixo.

Com'ousará parecer ante mi  
o meu amigo, ai amiga, por Deus,  
e com'ousará catar estes meus  
olhos se o Deus trouxer **per** aqui,  
pois **tam** muit'há que **nom** veo veer  
**mi** e meus olhos e meu **parecer**?

(*Com'ousará parecer ante mi* de Dom Dinis. Fonte: [http://pt.wikisource.org/wiki/Com%27ousar%C3%A1\\_parecer\\_ante\\_mi](http://pt.wikisource.org/wiki/Com%27ousar%C3%A1_parecer_ante_mi). Acesso em: 05.12.2012.)

per = por	tam = tão	nom = não	veer = ver	mi = mim, me	parecer = semblante
-----------	-----------	-----------	------------	--------------	---------------------

Sobre o fragmento anterior, pode-se afirmar que pertence a uma cantiga de

- amor, pois o eu lírico masculino declara a uma amiga o sentimento de amor que tem por ela.
- amigo, pois o eu lírico feminino expressa a uma amiga a falta de seu amigo por quem sente amor.
- amor, pois o eu lírico é feminino e acha que seu amor não deve voltar para os seus braços.
- amigo, pois o eu lírico masculino entende que só Deus pode trazer de volta sua amiga a quem não vê há muito tempo.
- amor, pois o eu lírico feminino não consegue enxergar o amor que sente por seu amigo.

## 3. (G1 - IFSP - ADAPTADA)



55toni55

www.delcampe.net

(Judith Leyster, *Serenata*. [http://images-01.delcampe-static.net/img\\_large/auktion/000/150/544/758\\_001.jpg](http://images-01.delcampe-static.net/img_large/auktion/000/150/544/758_001.jpg)  
Acesso em: 22.10.2013. Original colorido)

Podemos associar corretamente a cena representada nessa pintura ao

- Trovadorismo, pois os artistas compunham e cantavam para os integrantes da Corte cantigas sobre as façanhas dos cavaleiros medievais.
  - Trovadorismo, pois as cantigas líricas e satíricas, escritas em versos, eram cantadas pelos artistas ao som de instrumentos de corda.
  - Humanismo, visto que as personagens do teatro de Gil Vicente, como os trovadores e os jograis, eram em sua maioria nobres e constituíam a elite da época.
  - Classicismo, pois os temas presentes nas cantigas líricas e satíricas vêm das narrativas da mitologia greco-latina.
  - Classicismo, visto que Camões inspirou-se, para escrever *Os Lusíadas*, nas cantigas trovadorescas que narravam as aventuras dos navegantes portugueses.
4. (MACKENZIE - ADAPTADA) Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser associada ao teatro de Gil Vicente.
- [...] aparecem os homens livres pobres e também os escravos, tidos os primeiros como parasitas, e os segundos como tipos preguiçosos que nada fazem e devem ser frequentemente punidos. (Fernando Juarez De Cardoso)

- Muitas de suas peças são moralidades [...] Seus autos, contudo, não têm a rigidez das moralidades da época; as alegorias transformam-se em vida, em personagens saborosos. (Anatol Rosenfeld)
- [...] predomina [...] a sucessão de pequeninos quadros, a lembrar a mesma técnica da pintura narrativa medieval e das novelas de cavalaria. (Segismundo Spina)
- Seu teatro, essencialmente moral e social, é marcado pela intenção crítica. O riso, a sátira e os gracejos tinham um endereço certo: o público que assistia às encenações e que acabava por rir de si mesmo, sem que, por cegueira ou vaidade, se reconhecesse. (João Domingues Maia)
- [...] traz em si características de um momento de transição portuguesa, assim é marcado por traços que indicam desde elementos medievais até elementos renascentistas. (Alexandre Huady Torres Guimarães)

## 5. (G1 - IFSP) Considere o trecho para responder à questão.

No final do século XV, a Europa passava por grandes mudanças provocadas por invenções como a bússola, pela expansão marítima que incrementou a indústria naval e o desenvolvimento do comércio com a substituição da economia de subsistência, levando a agricultura a se tornar mais intensiva e regular. Deu-se o crescimento urbano, especialmente das cidades portuárias, o florescimento de pequenas indústrias e todas as demais mudanças econômicas do mercantilismo, inclusive o surgimento da burguesia.

Tomando-se por base o contexto histórico da época e os conhecimentos a respeito do Humanismo, marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso e assinale a alternativa correta.

- O Humanismo é o nome que se dá à produção escrita e literária do final da Idade Média e início da moderna, ou seja, parte do século XV e início do XVI.
- Fernão Lopes é um importante prosador do Humanismo português. Destacam-se entre suas obras: *Crônica Del-Rei D. Pedro I*, *Crônica Del-Rei Fernando* e *Crônica de El-Rei D. João*.
- Gil Vicente é um importante autor do teatro português e suas principais obras são: *Auto da Barca do Inferno* e *Farsa de Inês Pereira*.
- Gil Vicente é um autor não reconhecido em Portugal, em virtude de sua prosa e documentação histórica não participarem da cultura portuguesa.

- V, V, V, F.
- V, F, V, V.
- F, V, V, F.
- V, V, F, F.
- V, F, F, V.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Chicó – Por que essa raiva dela?

João Grilo – Ó homem sem vergonha! Você ainda pergunta? Está esquecido de que ela o deixou? Está esquecido da exploração que eles fazem conosco naquela padaria do inferno? Pensam que são o cão só porque enriqueceram, mas um dia hão de pagar. E a raiva que eu tenho é porque quando estava doente, me acabando em cima de uma cama, via passar o prato de comida que ela mandava para o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. Para mim nada, João Grilo que se danasse. Um dia eu me vingo.

Chicó – João, deixe de ser vingativo que você se desgraça. Qualquer dia você ainda se mete numa embrulhada séria.

Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*

**6. (MACKENZIE)** Considere as seguintes afirmações.

- I. O texto de Ariano Suassuna recupera aspectos da tradição dramática medieval, revelando forte influência do teatro vicentino.
- II. A palavra **Auto**, no título do texto, por si só sugere que se trata de peça teatral de tradição popular, aspecto confirmado pela caracterização das personagens.
- III. O teor crítico da fala da personagem, entre outros aspectos, remete ao teatro humanista de Gil Vicente, autor de vários autos, como, por exemplo, o *Auto da barca do inferno*.

Assinale:

- a) se todas estiverem corretas.
- b) se apenas I e II estiverem corretas.
- c) se apenas II estiver correta.
- d) se apenas II e III estiverem corretas.
- e) se todas estiverem incorretas.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

1. (G1 - IFSP 2016) A poesia do Trovadorismo português tem íntima relação com a música, pois era composta para ser entoada ou cantada, sempre acompanhada de instrumental, como o alaúde, a viola, a flauta, ou mesmo com a presença do coro.

A respeito dessa escola literária, assinale a alternativa correta.

- a) Os principais trovadores utilizavam a guitarra elétrica para acompanhar a exibição.
  - b) As composições dividem-se em dois grandes grupos: líricas e satíricas.
  - c) Os principais trovadores são: Padre Antônio Vieira e Camões.
  - d) O Trovadorismo é uma escola literária contemporânea.
  - e) São exemplos de Cantigas Satíricas as Cantigas de Amor e de Amigo.
2. (ESPCEX (AMAN) 2014) É correto afirmar sobre o Trovadorismo que
- a) os poemas são produzidos para ser encenados.
  - b) as cantigas de escárnio e maldizer têm temáticas amorosas.
  - c) nas cantigas de amigo, o eu lírico é sempre feminino.
  - d) as cantigas de amigo têm estrutura poética complicada.
  - e) as cantigas de amor são de origem nitidamente popular.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

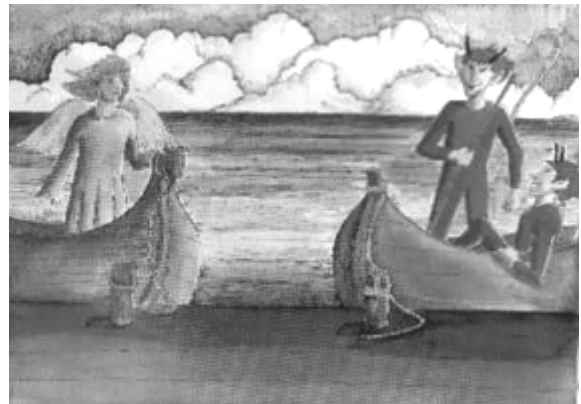
*Cantiga de Amor*  
Afonso Fernandes

Senhora minha, desde que vos vi,  
lutei para ocultar esta paixão  
que me tomou inteiro o coração;  
mas não o posso mais e decidi  
que saibam todos o meu grande amor,  
a tristeza que tenho, a imensa dor  
que sofro desde o dia em que vos vi.

Já que assim é, eu venho-vos rogar  
que queirais pelo menos consentir  
que passe a minha vida a vos servir (...)

([www.caestamosnos.org/efemerides/118](http://www.caestamosnos.org/efemerides/118). Adaptado)

3. (G1 - IFSP 2012) Observando-se a última estrofe, é possível afirmar que o apaixonado
- a) se sente inseguro quanto aos próprios sentimentos.
  - b) se sente confiante em conquistar a mulher amada.
  - c) se declara surpreso com o amor que lhe dedica a mulher amada.
  - d) possui o claro objetivo de servir sua amada.
  - e) conclui que a mulher amada não é tão poderosa quanto parecia a princípio.
4. (PUCSP 2008) Gil Vicente, criador do teatro português, realizou uma obra eminentemente popular. Seu *Auto da Barca do Inferno*, encenado em 1517, apresenta, entre outras características, a de pertencer ao teatro religioso alegórico. Tal classificação justifica-se por



- a) ser um teatro de louvor e litúrgico em que o sagrado é plenamente respeitado.
- b) não se identificar com a postura anticlerical, já que considera a igreja uma instituição modelar e virtuosa.
- c) apresentar estrutura baseada no maniqueísmo cristão, que divide o mundo entre o Bem e o Mal, e na correlação entre a recompensa e o castigo.
- d) apresentar temas profanos e sagrados e revelar-se radicalmente contra o catolicismo e a instituição religiosa.
- e) aceitar a hipocrisia do clero e, criticamente, justificá-la em nome da fé cristã.

Leia o texto para responder à questão a seguir.

Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas,

chega ao <sup>1</sup>batel infernal, e diz:

Hou da barca!

Diabo – Quem vem aí?

Santo sapateiro honrado,

como vens tão carregado?

Sapateiro – Mandaram-me vir assi...

Mas para onde é a viagem?

Diabo – Para a terra dos danados.

Sapateiro – E os que morrem confessados

onde têm sua passagem?

Diabo – Não cures de mais linguagem!

que esta é tua barca, esta!

Sapateiro – Renegaria eu da festa

e da barca e da barcagem!

Como poderá isso ser, confessado e comungado?

Diabo – Tu morreste excomungado,

não no quiseste dizer.

Esperavas de viver;

calaste dez mil enganos,

tu roubaste bem trinta anos

o povo com teu mister.

Embarca, pobre de ti,

que há já muito que te espero!

Sapateiro – Pois digo-te que não quero!

Diabo – Que te pese, hás de ir, si, si!

(Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno*. Adaptado.)

<sup>1</sup>batel: pequena embarcação.

5. (FAMEMA 2020) O texto transcrito de Gil Vicente assume caráter
- moralizante, uma vez que traz explícita crítica aos costumes do personagem.
  - educativo, pois o personagem reconhece seu erro e, ao final, é perdoado.
  - humorístico, com intenção de entreter mais do que condenar comportamentos.
  - doutrinário, considerando a devoção do personagem à religião quando em vida.
  - edificante, já que o comportamento do personagem se torna exemplo a seguir.
6. (G1 - IFSP 2017) Inspiradas na poesia provençal, as cantigas trovadorescas são consideradas as primeiras manifestações literárias portuguesas. O movimento literário em que elas surgiram ficou conhecido como Trovadorismo. Sobre o Trovadorismo, assinale a alternativa correta.
- As cantigas trovadorescas foram transmitidas apenas em cópias e recolhidas somente em duas importantes antologias, denominadas Cancioneiros, únicos documentos que restam para o conhecimento do Trovadorismo: Cancioneiro da Ajuda e Cancioneiro da Biblioteca Nacional.

- O Trovadorismo foi um movimento artístico literário que predominou no século XVII, na Europa. Esse estilo surgiu em Roma, na Itália, se expandiu por outros países da Europa, como Portugal, logo após seu surgimento, mas foi na Espanha que ele se tornou vigoroso.
- Em Portugal, as cantigas trovadorescas são classificadas em cantigas líricas (cantigas de amor e cantigas de amigo) e cantigas satíricas (cantigas de escárnio e cantigas de maldizer).
- No Trovadorismo, o pensamento religioso, espiritualista, predominante na época, numa visão teocentrista (em que Deus, do grego *Teos*, está no centro das preocupações humanas), dá lugar a uma visão antropocentrista (em que o homem, do grego *anthropos*, está no centro das realizações do universo humano).
- As características formais e temáticas das cantigas de amigo eram: influência das cantigas provençais, originárias do sul da França; eu lírico masculino que evoca a mulher amada usando a forma de tratamento “Minha senhora” (“Mia senhor”, “Mia dona”); exaltação das virtudes da beleza da amada inatingível; e predomínio do sentimento amoroso.

7. (G1 - IFSP 2016) Assinale a alternativa correta no que se refere às cantigas de amor trovadorescas.
- Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino lamenta a ausência da mulher amada, que lhe é indiferente e que, por mais que seja vista por ele como superior, pertence às classes populares.
  - Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino manifesta insistentemente a *coita*, isto é, o sofrimento de amor, repleto de impulsos eróticos que lhe laceram o corpo e que conferem aos poemas uma aura sardônica.
  - Nas cantigas de amor, o eu lírico feminino manifesta a falta que sente do amigo – isto é, do homem amado – invocando-o por meio de composições de matriz popular que se caracterizam por construções paralelísticas.
  - Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino confessa a *coita*, isto é, o sofrimento amoroso por uma dama que lhe é inacessível devido à diferença social que existe entre ele e ela.
  - Nas cantigas de amor, a distância social existente entre o eu lírico masculino e a mulher amada a quem ele se dirige permite entrever que já grassava na sociedade portuguesa a ascensão social pelo trabalho.

## 8. (UEG 2015) Senhora, que bem pareceis!

Se de mim vos recordásseis  
que do mal que me fazeis  
me fizésseis correção,  
quem dera, senhora, então  
que eu vos visse e agradasse.

Ó formosura sem falha  
que nunca um homem viu tanto  
para o meu mal e meu quebranto!  
Senhora, que Deus vos valha!  
Por quanto tenho penado  
seja eu recompensado  
vendo-vos só um instante.

De vossa grande beleza  
da qual esperei um dia  
grande bem e alegria,  
só me vem mal e tristeza.  
Sendo-me a mágoa sobeja,  
deixai que ao menos vos veja  
no ano, o espaço de um dia.

Rei D. Dinis

CORREIA, Natália. *Cantares dos trovadores galego-portugueses*.  
Seleção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia. 2.  
ed. Lisboa: Estampa, 1978. p. 253.

## Quem te viu, quem te vê

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala  
Você era a favorita onde eu era mestre-sala  
Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua  
Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na  
rua

Hoje o samba saiu procurando você  
Quem te viu, quem te vê  
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer  
Quem jamais a esquece não pode reconhecer  
[...]

Chico Buarque

A cantiga do rei D. Dinis, adaptada por Natália Correia, e a canção de Chico Buarque de Holanda expressam a seguinte característica trovadoresca:

- a) a vassalagem do trovador diante da mulher amada que se encontra distante.
- b) a idealização da mulher como símbolo de um amor profundo e universal.
- c) a personificação do samba como um ser que busca a plenitude amorosa.
- d) a possibilidade de realização afetiva do trovador em razão de estar próximo da pessoa amada.

Leia o texto para responder à(s) questão a seguir.

Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas,  
chega ao <sup>1</sup>batel infernal, e diz:  
Hou da barca!  
Diabo – Quem vem aí?  
Santo sapateiro honrado,  
como vens tão carregado?  
Sapateiro – Mandaram-me vir assi...  
Mas para onde é a viagem?  
Diabo – Para a terra dos danados.  
Sapateiro – E os que morrem confessados  
onde têm sua passagem?  
Diabo – Não cures de mais linguagem!  
que esta é tua barca, esta!  
Sapateiro – Renegaria eu da festa  
e da barca e da barcagem!  
Como poderá isso ser, confessado e comungado?  
Diabo – Tu morreste excomungado,  
não no quiseste dizer.  
Esperavas de viver;  
calaste dez mil enganos,  
tu roubaste bem trinta anos  
o povo com teu mister.  
Embarca, pobre de ti,  
que há já muito que te espero!  
Sapateiro – Pois digo-te que não quero!  
Diabo – Que te pese, hás de ir, si, si!

(Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno*. Adaptado.)

<sup>1</sup>batel: pequena embarcação.

9. (FAMEMA 2020) Na situação apresentada, o sapateiro
- a) espanta-se com a ideia de ir para o inferno, mas o diabo admite que não pode levá-lo por ter sido um homem cristão em vida.
  - b) opõe-se à ideia de ir para o inferno, alegando que fora religioso em vida, mas o diabo o lembra dos pecados cometidos.
  - c) mostra entusiasmo por seguir na embarcação do diabo e reconhece que, mesmo tendo sido religioso, acha justa a punição.
  - d) sujeita-se à ordem do diabo e toma lugar em sua embarcação, com a esperança de que sua disposição para o trabalho ainda possa salvá-lo.
  - e) confronta o diabo, considerando que este possa se intimidar ao descobrir que fora um homem religioso em vida.



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à questão a seguir, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

*Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a <sup>1</sup>baixa começou a dançar, dizendo*

Frade: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;

Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;

Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huha!

Diabo: Que é isso, padre? Quem vai lá?

Frade: <sup>2</sup>*Deo gratias!* Sou cortesão.

Diabo: Danças também o <sup>3</sup>tordião?

Frade: Por que não? Vê como sei.

Diabo: Pois entrai, eu <sup>4</sup>tangerei e faremos um serão.

E essa dama, porventura?

Frade: Por minha a tenho eu,

e sempre a tive de meu.

Diabo: Fizeste bem, que é lindura!

Não vos punham lá censura

no vosso convento santo?

Frade: E eles fazem outro tanto!

Diabo: Que preciosa <sup>5</sup>clausura!

Entrai, padre reverendo!

Frade: Para onde levais gente?

Diabo: Para aquele fogo ardente

que não temestes vivendo.

Frade: Juro a Deus que não te entendo!

E este <sup>6</sup>hábito não me <sup>7</sup>val?

Diabo: Gentil padre <sup>8</sup>mundanal,

a Belzebu vos encomendo!

Frade: Corpo de Deus consagrado!

Pela fé de Jesus Cristo,

que eu não posso entender isto!

Eu hei de ser condenado?

Um padre tão namorado

e tanto dado à virtude?

Assim Deus me dê saúde,

que eu estou maravilhado!

Diabo: Não façamos mais <sup>9</sup>detença

embarcai e partiremos;

tomareis um par de remos.

Frade: Não ficou isso na <sup>10</sup>avença.

Diabo: Pois dada está já a sentença!

Frade: Por Deus! Essa seria ela?

Não vai em tal caravela

minha senhora Florença?

Como? Por ser namorado

e folgar c'uma mulher?

Se há um frade de perder,

com tanto salmo rezado?!

Diabo: Ora estás bem arranjado!

Frade: Mas estás tu bem servido.

Diabo: Devoto padre e marido,

haveis de ser cá <sup>11</sup>pingado...

(*Auto da Barca do Inferno*, 2007.)

<sup>1</sup>**baixa**: dança popular no século XVI.

<sup>2</sup>**Deo gratias**: graças a Deus.

<sup>3</sup>**tordião**: outra dança popular no século XVI.

<sup>4</sup>**tanger**: fazer soar um instrumento.

<sup>5</sup>**clausura**: convento.

<sup>6</sup>**hábito**: traje religioso.

<sup>7</sup>**val**: vale.

<sup>8</sup>**mundanal**: mundano.

<sup>9</sup>**detença**: demora.

<sup>10</sup>**avença**: acordo.

<sup>11</sup>**ser pingado**: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorreria no inferno).

10. (UNESP 2017) Assinale a alternativa cuja máxima está em conformidade com o excerto e com a proposta do teatro de Gil Vicente.

a) "O riso é abundante na boca dos tolos."

b) "A religião é o ópio do povo."

c) "Pelo riso, corrigem-se os costumes."

d) "De boas intenções, o inferno está cheio."

e) "O homem é o único animal que ri dos outros."

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mario Quintana, poeta gaúcho, foi um dos maiores expoentes da literatura brasileira. Com estilo eclético, estreou em 1940, desafiando os críticos literários por se ter tornado um poeta popular. Sua poesia é compreensível sem ser banal; sua originalidade é natural; suas metáforas são claras, mas, ao mesmo tempo, surpreendentes.

A questão trata dos poemas deste poeta de nossa literatura.

11. (UEMA 2021) Leia o poema *Solau à moda antiga* para responder à questão.

Senhora, eu vos amo tanto  
Que até por vosso marido  
Me dá um certo quebranto...

Pois que tem que a gente inclua  
No mesmo alastrante amor  
Pessoa animal ou cousa  
Ou seja lá o que for,  
Só porque os banha o esplendor  
Daquela a quem se ama tanto?  
E sendo desta maneira,  
Não me culpeis, por favor,  
Da chama que ardente abrasa  
O nome de vossa rua,

Vossa gente e vossa casa  
E vossa linda macieira  
Que ainda ontem deu flor...

QUINTANA, M. *Esconderijos do tempo*.  
Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Nesse poema, marcado pelo senso de humor, reconhece-se, fortemente, características da poesia medieval trovadoresca nos versos:

- "Pois que tem que a gente inclua  
No mesmo alastrante amor  
Pessoa animal ou cousa"
- "Não me culpeis, por favor,  
Da chama que ardente abrasa  
O nome de vossa rua,"
- "Senhora, eu vos amo tanto  
Que até por vosso marido  
Me dá um certo quebranto..."
- "Ou seja lá o que for,  
Só porque os banha o esplendor  
Daquela a quem se ama tanto?"
- "E vossa linda macieira  
Que ainda ontem deu flor..."

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Ondas do mar de Vigo

*Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

*Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

*Se vistes meu amigo,  
o por que eu sospiro?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

*Se vistes meu amado,  
o por que hei gram coidado?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

Obs.: *verrá*: virá

Martim Codax

12. (MACKENZIE 2017 - ADAPTADA) Pode-se afirmar que pertence ao mesmo tipo de poema trovadoresco de "Ondas do mar de Vigo" APENAS a alternativa:
- Dona fea, nunca vos eu loei/en meu trobar, pero muito trobei;/mais ora já un bon cantar farei,/ en que vos loarei toda via;/e direi-vos como vos loarei:/dona fea, velha e sandia! (Joan Garcia de Guilhade)
  - Quer'eu en maneira provençal/fazer agora un cantar d'amor/e querrei muit'i loar mia senhor, a que prez nem fremusura non fal,/nem bondade, e mais vos direi en: tanto fez Deus comprida de ben/que mais que todas las do mundo val. (D. Dinis)
  - A melhor dona que eu nunca vi,/per bõa fé, nem que oí dizer,/ e a que Deus fez melhor parecer,/mia senhor est, e senhor das que vi,/ de mui bom preço e de mui bom sem,/per bõa fé, e de tod'outro bem, de quant'eu nunca doutra dona oí. (Fernão Garcia Esgaravunha)
  - Quantos ham gram coita d'amor/eno mundo, qual hoj'eu hei,/ querriam morrer, eu o sei,/e haveriam en sabor;/mais, mentr'eu vos vir, mia senhor,/ sempre m'eu querria viver/ e atender e atender. (João Garcia de Guilhade)
  - Que coita tamanha ei a sofrer,/por amar amigu'e non o ver!/E pousarei sô lo avelanal. (Nuno Fernandes Torneol)

13. (UEPA 2012) “A literatura do amor cortês, pode-se acrescentar, contribuiu para transformar de algum modo a realidade extraliterária, atua como componente do que Elias (1994)\* chamou de **processo civilizador**. Ao mesmo tempo, a realidade extraliterária penetra processualmente nessa literatura que, em parte, nasceu como forma de sonho e de evasão.”

(Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 83-110, Abril e Outubro de 2007 pp. 91-92)  
 (\*) Cf. ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v.1.

Interprete o comentário acima e, com base nele e em seus conhecimentos acerca do lirismo medieval galego-português, marque a alternativa correta:

- as cantigas de amor recriaram o mesmo ambiente palaciano das cortes galegas.
- “a literatura do amor cortês” refletiu a verdade sobre a vida privada medieval.
- a servidão amorosa e a idealização da mulher foi o grande tema da poesia produzida por vilões.
- o amor cortês foi uma prática literária que aos poucos modelou o perfil do homem civilizado.
- nas cantigas medievais mulheres e homens submetem-se às maneiras refinadas da cortesia.

14. (Uepa 2012) As diferenças etárias são muitas vezes causa de violência simbólica. Considerando isso, assinale os versos em que as frases expressam, de forma explícita, o tema básico de *O Velho da Horta*, fundamentado neste tipo de violência.

- Branca Gil – *Todos os santos marteirados*  
Socorrei ao marteirado  
Que morre de namorado.
- Moça – *E essa tosse?*  
Amores de sobreposse  
Serão os de vossa idade:  
O tempo vos tirou a posse.
- Branca Gil – *Eu folgo ora de ver*  
Vossa mercê namorado;  
Que o homem bem criado  
Té na morte o há de ser.
- Velho – *Porém, amiga,*  
Se nesta minha fadiga  
Vós não sois medianeira,  
Não sei que maneira siga,  
Nem que faça, nem que diga,  
Nem que queira.
- Parvo – *Dono, dizia minha dona,*  
Que fazeis vós cá te a noite?

15. (G1 - ifsp 2016) Leia o texto abaixo, um trecho do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, para assinalar a alternativa correta no que se refere à obra desse autor e ao Humanismo em Portugal.

**Nota:** foram feitas pequenas alterações no trecho para facilitar a leitura.

*Vem um Frade com uma Moça pela mão, e um <sup>1</sup>broquel e uma espada na outra, e um <sup>1</sup>casco debaixo do <sup>2</sup>capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:*

FRADE	Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã; ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã: tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhã!
DIABO	Que é isso, padre?! Que vai lá?
FRADE	<i>Deo gratias!</i> Sou cortesão.
DIABO	Sabes também o tordião?
FRADE	Por que não? Como ora sei!
DIABO	Pois entrai! Eu tangerei e faremos um serão. Essa dama é ela vossa?
FRADE	Por minha a tenho eu, e sempre a tive de meu
DIABO	Fizestes bem, que é formosa! E não vos punham lá <sup>3</sup> grosa no vosso convento santo?
FRADE	E eles fazem outro tanto!
DIABO	Que cousa tão preciosa... Entraí, padre reverendo!
FRADE	Para onde levais gente?
DIABO	Pera aquele fogo ardente que não temestes vivendo.
FRADE	Juro a Deus que não te entendo! E este hábito não me vale?
DIABO	Gentil padre mundanal, a Belzebu vos encomendo!

<sup>1</sup>**broquel e casco** – respectivamente, *escudo e armadura para cabeça* – são elementos por meio dos quais o autor descreve o frade.

<sup>2</sup>**capelo** – chapéu ou capuz usado pelos religiosos.

<sup>3</sup>**pôr grossa** – censurar.

- O destino do frade é exemplar no que se refere à principal característica da obra de Gil Vicente: a crítica severa, de sabor renascentista, à Igreja Católica, de cuja moral se distancia a obra do dramaturgo.
- A proposta do teatro vicentino alegórico – especialmente a Trilogia das Barcas – era a montagem de peças complexas, de linguagem rebuscada, distante do falar popular, para criticar, nos termos da moral medieval, os homens do povo.
- A imagem cômica, mas condenável, de um frade que canta, dança e namora, trazendo consigo uma dama, é exemplo cabal do pressuposto das peças de Gil Vicente de que, rindo, é possível corrigir os costumes.

- d) O frade terá como destino o inferno porque é homem “mundanal”, ligado aos gozos do mundo material, em cujo pano de fundo percebe-se o sistema de valores do homem medieval, para o qual não há salvação após a morte.
- e) O sistema de valores que pode ser entrevisto nas peças de Gil Vicente, e especialmente no *Auto da Barca do Inferno*, revela uma mentalidade avessa aos valores da Idade Média.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Ai, dona fea, foste-vos queixar”**

**João Garcia de Guilhade**

Ai dona fea! Foste-vos queixar  
Que vos nunca louven meu trobar  
Mais ora quero fazer un cantar  
En que vos loarei toda via;  
E vedes como vos quero loar:  
Dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea! Se Deus mi pardon!  
E pois havedes tan gran coraçom  
Que vos eu loe en esta rason,  
Vos quero já loar toda via;  
E vedes qual será a loaçom:  
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei  
En meu trobar, pero muito trobei;  
Mais ora já en bom cantar farei  
En que vos loarei toda via;  
E direi-vos como vos loarei:  
Dona fea, velha e sandia!

16. As cantigas trovadorescas eram textos literários recitados na companhia de instrumentos musicais durante o período que ficou conhecido como Trovadorismo. Tais poemas são categorizados em quatro tipos, de acordo com suas características. Com base nessa divisão, classifique a cantiga de João Garcia de Guilharde e justifique a sua resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
Cantiga

Bailemos nós já todas três, ai amigas,  
So aquestas avelaneiras frolidas, (frolidas = floridas)  
E quem for velida, como nós, velidas, (velida = formosa)  
Se amigo amar,  
So aquestas avelaneiras frolidas (aquestas = estas)  
Verrá bailar. (verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas, (irmanas = irmãs)  
So aqueste ramo destas avelanas, (aqueste = este)  
E quem for louçana, como nós, louçanas, (louçana = formosa)  
Se amigo amar,  
So aqueste ramo destas avelanas (avelanas = avelaneiras)  
Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos, (mentr'al = enquanto outras coisas)

So aqueste ramo frolido bailemos,  
E quem bem parecer, como nós parecemos (bem parecer = tiver belo aspecto)

Se amigo amar,  
So aqueste ramo so lo que bailemos  
Verrá bailar.

Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.

17. (UNESP 2004 - ADAPTADA) As cantigas que focalizam temas amorosos apresentam-se em dois gêneros na poesia trovadoresca: as “cantigas de amor”, em que o eu-poemático representa a figura do namorado (o “amigo”), e as “cantigas de amigo”, em que o eu-poemático representa a figura da mulher amada (a “amiga”) falando de seu amor ao “amigo”, por vezes dirigindo-se a ele ou dialogando com ele, com outras “amigas” ou, mesmo, com um confidente (a mãe, a irmã, etc.). De posse desta informação, Classifique a cantiga de Airas Nunes em um dos dois gêneros, apresentando a justificativa dessa resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
SEDIA LA FREMOSA SEU SIRGO TORCENDO

Estêvão Coelho

Sedia la fremosa seu sirgo torcendo,  
Sa voz manselinha fremoso dizendo  
Cantigas d'amigo.

Sedia la fremosa seu sirgo lavrando,  
Sa voz manselinha fremoso cantando  
Cantigas d'amigo.

- Par Deus de Cruz, dona, sey que avedes  
Amor muy coychado que tan ben dizedes  
Cantigas d'amigo.

Par Deus de Cruz, dona, sey que andades  
D'amor muy coyitada que tan ben cantades  
Cantigas d'amigo.

- Avuytor comestes, que adevinhades.  
(Cantiga n.º. 321 - *CANC. DA VATICANA.*)

ESTAVA A FORMOSA SEU FIO TORCENDO  
(paráfrase de Cleonice Berardinelli)

Estava a formosa seu fio torcendo,  
Sua voz harmoniosa, suave dizendo  
Cantigas de amigo.

Estava a formosa sentada, bordando,  
Sua voz harmoniosa, suave cantando  
Cantigas de amigo.

- Por Jesus, senhora, vejo que sofreis  
De amor infeliz, pois tão bem dizeis  
Cantigas de amigo.

Por Jesus, senhora, eu vejo que andais  
Com penas de amor, pois tão bem cantais  
Cantigas de amigo.

- Abutre comeste, pois que adivinhais.  
(In BERARDINELLI, Cleonice. *CANTIGAS DE TROVADORES  
MEDIEVAIS EM PORTUGUÊS MODERNO.* Rio de Janeiro:  
Organ. Simões, 1953, p. 58-59.)

- 18. (UNESP 1995)** O paralelismo é um dos recursos estilísticos mais comuns na poesia lírico-amorosa trovadoresca. Consiste na ênfase de uma ideia central, às vezes repetindo expressões idênticas, palavra por palavra, em séries de estrofes paralelas. A partir destas observações, releia o texto de Estêvão Coelho e responda:
- O poema se estrutura em quantas séries de estrofes paralelas? Identifique-as.
  - Que ideias centrais são enfatizadas em cada série paralelística?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
AUTO DA LUSITÂNIA

Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador,  
e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe  
perdeu; e logo após ele um homem, vestido como  
pobre. Este se chama Ninguém, e diz:

- Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo:  
- Mil cousas ando a buscar:  
delas não posso achar,  
porém ando perfiando,  
por quão bom é perfiar.  
Ninguém:  
- Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo:  
- Eu hei nome Todo o Mundo,  
e meu tempo todo inteiro  
sempre é buscar dinheiro,  
e sempre nisto me fundo.

Ninguém:  
- E eu hei nome Ninguém,  
e busco a consciência.

(Berzebu para Dinato)  
- Esta é boa experiência!  
Dinato, escreve isto bem.

Dinato:  
- Que escreverei, companheiro?

Berzebu:  
- Que Ninguém busca consciência  
e Todo o Mundo dinheiro.

(Ninguém para Todo o Mundo)  
- E agora que buscas lá?

Todo o Mundo:  
- Busco honra muito grande.

Ninguém:  
- E eu virtude, que Deus mande  
que tope co ela já.

(Berzebu para Dinato)  
- Outra adição nos acude:  
escreve aí, a fundo,  
que busca honra Todo o Mundo,  
e Ninguém busca virtude.

Ninguém:

- Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo:

- Busco mais quem me louvasse tudo quanto eu fizesse.

Ninguém:

- E eu quem me repreendesse em cada cousa que errasse.

(Berzebu para Dinato)

- Escreve mais.

Dinato:

- Que tens sabido?

Berzebu:

- Que quer em extremo grado Todo o Mundo ser louvado, e Ninguém ser repreendido.(...)

(VICENTE, Gil. Farsa Chamada "Auto da Lusitânia".  
In: *Obras de Gil Vicente*. Porto:  
Lello & Irmão, 1965, pp. 452-453.)

19. (UNESP 1996 - ADAPTADA) Na cena da farsa AUTO DA LUSITÂNIA atuam os personagens Todo o Mundo e Ninguém, e, intercaladamente, Berzebu e Dinato. Os diálogos entre estes dois últimos estabelecem uma ambiguidade semântica com respeito aos dois primeiros. Releia o texto e responda:
- Qual personagem se responsabiliza diretamente por promover a ambiguidade?
  - Explique a ambiguidade que adquirem os nomes Todo o Mundo e Ninguém.
20. (UNICAMP 2012) Os excertos abaixo foram extraídos do *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente.

(...) **FIDALGO:** Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.

**DIABO:** (...) E tu viveste a teu prazer, cuidando cá guarecer por que rezem lá por ti!...(...)

**ANJO:** Que querês?

**FIDALGO:** Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do paraíso é esta em que navegais.

**ANJO:** Esta é; que me demandais?

**FIDALGO:** Que me leixês embarcar. sô fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

**ANJO:** Não se embarca tirania neste batel divinal.

**FIDALGO:** Não sei por que haveis por mal Que entr'a minha senhoria.

**ANJO:** Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca.

**FIDALGO:** Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia? (...)

**ANJO:** Não vindes vós de maneira pera ir neste navio.

Essoutro vai mais vazio:

a cadeira entrará

e o rabo caberá

e todo vosso senhorio.

Vós irês mais espaçoso

com fumosa senhoria,

cuidando na tirania

do pobre povo queixoso;

e porque, de generoso,

desprezastes os pequenos,

achar-vos-eis tanto menos

quanto mais fostes fumoso. (...)

**SAPATEIRO:** (...) E pera onde é a viagem?

**DIABO:** Pera o lago dos danados.

**SAPATEIRO:** Os que morrem confessados, onde têm sua passagem?

**DIABO:** Nom cures de mais linguagem!

Esta é a tua barca, esta!

(...) E tu morreste excomungado:

não o quiseste dizer.

Esperavas de viver,

calaste dous mil enganoso...

tu roubaste bem trint'anos

o povo com teu mester. (...)

**SAPATEIRO:** Pois digo-te que não quero!

**DIABO:** Que te pês, hás-de ir, si, si!

**SAPATEIRO:** Quantas missas eu ouvi, não me hão elas de prestar?

**DIABO:** Ouvir missa, então roubar, é caminho per'aqui.

(Gil Vicente, *Auto da barca do inferno*, em Cleonice Berardinelli (org.), *Antologia do teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p. 57-59 e 68-69.)

- Por que razão específica o fidalgo é condenado a seguir na barca do inferno? E o sapateiro?
- Além das faltas específicas desses personagens, há uma outra, comum a ambos e bastante praticada à época, que Gil Vicente condena. Identifique essa falta e indique de que modo ela aparece em cada um dos personagens.

## GABARITO

---

1. B      2. C      3. D      4. C      5. A  
6. C      7. D      8. A      9. B      10. C  
11. C     12. E     13. D     14. B     15. C

16.

Classifica-se o texto de João Garcia como cantiga satírica de escárnio, pois há uma **sátira indireta, sutil, na qual evita-se citar o nome da pessoa-alvo da zombaria** “E vedes como vos quero loar: / Dona fea, velha e sandia!”

17.

A cantiga pode ser classificada como um tipo de “Cantiga de Amigo” conhecido como “Bailia ou Bailada das Avelaneiras”. Características que evidenciam esta classificação são: presença do eu-lírico feminino, referência ao amado (Se amigo amar), insinuação de sensualidade, paralelismo e refrão.

18.

- a) Em duas séries: as duas primeiras estrofes (uma série) e as duas estrofes seguintes (outra série).  
b) Na primeira são enfatizados os afazeres da mulher; na segunda, o seu sofrimento.

19.

- a) Berzebu.  
b) No texto, os nomes Todo o Mundo e Ninguém podem ser entendidos como pronomes indefinidos, saindo do caráter individual para o geral.

20.

- a) As personagens desta obra são divididas em dois grupos: as alegóricas e as personagens-tipo. No primeiro grupo inserem-se o Anjo e o Diabo, representando respectivamente o Bem e o Mal, o Céu e o Inferno. No segundo grupo incluem-se todas as restantes, nomeadamente o fidalgo D. Anrique e o sapateiro Joanantão, personagens que, como todas as outras, trazem elementos simbólicos que representam os seus pecados na vida terrena e dos quais não conseguiram libertar-se. O fidalgo veste um longo manto vermelho e vem acompanhado de um criado que porta uma cadeira, elementos que simbolizam a vaidade e a arrogância. O sapateiro transporta o avental e formas para fazer sapatos, símbolos da exploração interesseira da classe burguesa comercial.

- b) Tanto o fidalgo quanto o sapateiro acreditavam que os rituais recomendados pela igreja católica para salvação da alma eram garantia absoluta para entrar no Paraíso, o que é desmentido pelo diabo. O fidalgo usa o argumento de que deixou na terra alguém que reza por ele (“Que leixo na outra vida /quem reze sempre por mi”) e o sapateiro alega que o fato de ter ouvido missas e ter se confessado antes de morrer lhe assegurariam a entrada no Céu (“Os que morrem confessados, /onde têm sua passagem?”, “Quantas missas eu ouvi, /não me hão elas de prestar?”).